

ZERRO

Florianópolis, Março de 1988

Tributo a Adelmo Genro Filho. Na central

AIDS na boca do povo

Na página 12



Foto: James Tavares/JSC

Pedro Ivo e seu diálogo em "alto nível"

Educação: a democracia do coronel

Na página 3

Tem rolo no BESC

Na página 5



Dois papos: com Fernanda Montenegro e Moacir Pereira



Estamos em falta

Mais uma vez chega às suas mãos o **Zero**, este experimento que desafia a lei das probabilidades. O laboratório de fotografia do Curso de Jornalismo está desativado, por caduque e falta de manutenção nos equipamentos. No entanto, você está vendo fotos. A Universidade está parando por falta de professores, mas aqui restaram alguns para passar uma noite em claro e viabilizar a edição deste jornal, alimentados pela ameaça de congelamento de seus salários e o calor do entusiasmo dos alunos em fazer jornalismo, que nunca faltou.

Uma falta, porém, precisa ser registrada. Faltou o professor Adelmo Genro Filho. Faltou a sua cordialidade no trato com os alunos e colegas, sua elegância de fazer política, sua valentia de enfrentar a adversidade, qualquer uma, até a última que foi a sua morte. O **Zero** saiu mais uma vez, mas o lugar de Adelmo no Curso de Jornalismo da UFSC é insubstituível.

Estranho país, triste país. No plano nacional, nossos honrados constituintes cederam às fortes argumentações do Urutu: veio o presidencialismo com um mandato, que o povo repudia, de cinco anos. No plano interno, a Universidade vem sendo atacada desde o ano passado, numa orquestração regida pelo Planalto. As fraudes nos vestibulares, a lista dos "improdutivos" da USP e os decretos de janeiro do presidente Sarney, acabaram por sufocá-la. Milhares de alunos estão sem aulas e sem professores no ensino superior. É como no caso das eleições presidenciais: esperar até quando?

No plano internacional uma má notícia isolada. Vinte e seis jornalistas morreram em 87, cobrindo suas pautas, ao redor do mundo. Bem mais nobres, sem "pianistas", clientelismo ou jetons.

Os Editores

ZERO

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta edição foi executada na madrugada de 25 de março de 1988.

Textos: Ana Cristina, Lavratti, Analú Zidko, Arley Machado, Carla Cabral, Carlos Augusto Locatelli, Carlos Eduardo Caê, Cláudia Carvalho, Dauro Veras, Denyris Rodrigues, Emerson O. Gasperin, Ewaldo W. Neto, Geraldo Hoffmann, Graziela Nunes, Ismail Ahmad Ismail, João Carlos Mendonça, Júlio Cezar Pompeo, Monique Vandresen, Nilva Bianco, Norberto V. da Silva, Olávio Biláquio, Ozias "Tormen-

tor", Rozana de Moliner, Romir U. da Rocha, Roberta M. Miranda, Samuel Pantoja Lima, Sabrina Franzoni, Saete Dalmoro, Éverson Faganello.

Diagramação: Analú Zidko, Carla Cabral, Carlos Augusto Locatelli, Denyris L. Rodrigues, Ilka Goldschmidt, Karla Bastos, Zulmar Bortolotto.

Fotografia: Sabrina Franzoni.

Colaboradores: Hélio Schuck, Francisco Karam, Tarso Genro (textos), Paulo Caruso (arte).

Laboratório: Philippe Arruda

Ilustração: Frank.

Edição, coordenação e supervisão: Professores Cinthia Nahra, Eduardo Meditsch, Luiz Alberto Scotto, Ricardo Barreto.

Edição Gráfica: Ricardo Barreto.

Telefone: (0482) 33-9215.

Telex: (0482) 240 BR

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis/SC.

Acabamento e Impressão: Empresa Editora O Estado.

Distribuição Gratuita.

Circulação Dirigida.

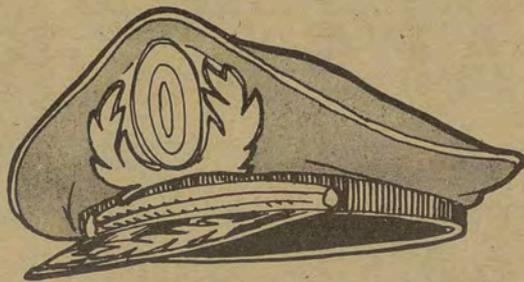


Ilustração: Paulo Caruso Senhor

CARTAS

Seguir lutando

Caros amigos do Departamento de Comunicação e do Curso de Jornalismo da UFSC. Alunos, professores e funcionários:

Ficamos sensibilizados e infinitamente gratos pela solidariedade e carinho, nessa hora trágica de nossas vidas. As generosas manifestações sobre o trabalho, a vida e ideais do Adelmino nos comoveram profundamente. Todos os que o amavam e com ele comunicaram dos mesmos sonhos, são para nós, seus pais, pessoas muito especiais. Tentamos não perder a esperança para poder continuar lutando por um Brasil com uma sociedade em que todos tenham direito à terra, ao pão e à alegria de viver.

Santa Maria, março de 1988.

Os pais, Elly e Adelmo Genro.

R. Zero fala da vida e obra do professor Adelmo Genro Filho na página central. ***

Morro do Horácio

Com respeito ao artigo publicado sob o título "Morro do Horácio: a prisão na favela", de novembro/87, gostaria de esclarecer o seguinte: não é inteiramente verdadeira a afirmação de que o discurso utilizado por "todas as igrejas" ali presentes tenha como tônica a aceitação da miséria e consequente alienação.

Existe, no Horário, um trabalho realizado a partir de um grupo de seminaristas que passa, por exemplo, pela luta que visa a posse definitiva da terra, o que não significa, de forma alguma, conformismo.

Seria muito coerente da parte de quem escreveu tal matéria, cuja essência é bastante correta, assumir uma atitude de **busca e divulgação da verdade** e não simplesmente pôr a público uma opinião mal fundamentada, que descaracteriza uma tentativa de conscientização quanto às situações de injustiça social a que estão submetidos os moradores do morro. Conscientização esta que assume, a cada dia, posturas mais firme na luta em direção à Libertação, caminho oposto ao amém da passividade e da alienação.

Catarina Gewehr
Psicologia — UFSC

R. Zero subestimou.

Zero: uma bosta

"...Desde o editorial — onde se avisa na primeira linha que se trata de uma tentativa de resgatar a memória de Florianópolis dos últimos 50 anos — até os port-fólios, tudo na publicação protesta contra a existência de uma cidade com vida. (...) As matas exterminadas: em Florianópolis? Referem-se provavelmente a alguma campina rala sem importância ou ao próprio sítio onde se localiza a cidade. É inelutável: ou a mata nativa ou a cidade, decidam-se!

(...) Nessa trilha de enganos e equívocos, ensinam os jovens que o Palácio do Governo fica no antigo 'Campo do Manés', que a Capitania dos Portos limitava com o Hospital de Caridade e que o sr. Irineu Bornhausen é o avô do senador Jorge Bornhausen... Eu, de minha parte, fico entristecido e preocupado. Imaginar que é com esse tipo de informação que a Universidade está formando meus futuros colegas... Estou perplexo e confuso (...)"

Paulo da Costa Ramos — trecho de artigo publicado em O Estado em 13/3/88

R.: Quanto às informações citadas, ZERO errou. Quanto à perplexidade e confusão de nosso "futuro colega", atribuímos às preocupações com a situação de sua eterna candidatura a prefeito de Florianópolis. ***

Sem ilusões

É deveras lamentável que o Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social seja utilizado por facções minoritárias inconformadas para veicular informações totalmente distorcidas da realidade factual e comportamental vigente na Universidade Federal de Santa Catarina.

Em artigo não assinado, intitulado "Sem ilusões", procura-se deslustrar a vitória insofismável, limpa e legítima do atual Pró-Reitor de Ensino nas eleições paritárias diretas para Reitor da UFSC. A chamada de capa que caracte-

riza os integrantes da comunidade universitária como "bobos" já é uma agressão gratuita e injustificada a todos os seus componentes, que só serve para desacreditar o Jornal ZERO.

Um professor de jornalismo, consciente das responsabilidades éticas associadas à utilização tão inconsequente deste importante meio de comunicação, daria realmente nota ZERO para alunos que escrevessem tal artigo. Certamente não é isto que esperamos dos futuros profissionais responsáveis pela relevante tarefa de veiculação de informações e idéias na sociedade. É preciso assegurar neste jornal laboratório um mínimo de isenção e imparcialidade, evitando-se envoltimentos emocionais que possam comprometer o processo de formação profissional dos alunos. É necessário aprender sobretudo que liberdade de imprensa não pode ser confundida com libertinagem ou licenciosidade.

Nestas circunstâncias, solicito que esta correspondência seja transcrita na íntegra, com o mesmo destaque do mencionado artigo, na próxima edição do Jornal ZERO. Esta providência permitiria descaracterizar a vinculação deste Jornal a facções ideológicas, totalmente incompatíveis com o espírito pluralista essencial no ambiente universitário.

Saudações

Raul Valentim da Silva
Professor da UFSC

R. Zero publicou.

Pedro Ivo impõe AI-5 à Educação

Foto: James Tavares/JSC

Demissões, cassação de mandatos e fim das diretas nas escolas

Em apenas um ano, sob o slogan-compromisso "você decide e Pedro Ivo realiza", o governo do Estado conseguiu "revolucionar" o sistema educacional catarinense. Rasgou o Plano Estadual de Educação 1985 - 1988, demitiu 17 mil professores, casou 98 diretores, acabou com as eleições diretas nas escolas, extinguiu os conselhos deliberativos e decretou um plano de matrículas para superlotar as salas de aula. O retrocesso imposto pelo governador ao ensino básico e médio, em Santa Catarina, chegou ao clímax com a intervenção no Instituto Educacional de Educação e no Colégio Aníbal Nunes Pires, em Florianópolis.

No mesmo período, por se recusar a negociar com os educadores, Pedro Ivo enfrentou "pequenos" revezes: teve que lançar mão de "cassetete democrático" da polícia para reprimir uma greve de 57 dias do Magistério e manifestações estudantis, em 1987, e colheu uma derrota arrasadora no Judiciário, que, em fevereiro último, concedeu liminar de reintegração de posse aos diretores demitidos.

MAIS REPRESSÃO

As cenas de repressão à greve e a intervenção autoritária nos dois colégios (quatéis-laboratórios da política educacional do governo) lembram os bons tempos de aplicação do Ato Institucional nº 5 e da Lei de Segurança Nacional, que teima em sobreviver a esta "transição sem fim". No entanto, ao quebrar o eixo democrático do PEE (eleição direta para diretor da escola e a criação do Conselho Deliberativo, em cada uma delas), "Pedro Ivo aumenta o fogo sob uma panela de pressão que está prestes a explodir", adverte a professora Ideli Salvati, presidente da Associação dos Licenciados de Santa Catarina.

Segundo Salvati, até março deste ano os professores da rede estadual acumularam uma perda salarial de 156%. Não recebem reajustes desde de julho de 1987, nem mesmo a URP, que todos os trabalhadores vêm recebendo. Apostando na desarticulação da categoria, o governador

pagou o gatilho atrasado no último dia 14 de março, o que teve o efeito de um jato d'água dispersivo da manifestação marcada para o dia seguinte, quando ele completou um ano de governo, e José Sarney três anos na presidência da República.

AÇÃO NA JUSTIÇA

A determinação do governador, de levar a efeito um plano de educação que ignora os pontos fundamentais do "livro verde", discutido por centenas de milhares de catarinenses, durante a gestão de Esperidião Amim (a elaboração do PEE foi uma conquista da greve dos professores em 1983), não intimida a Alisc. A entidade está disposta a ingressar com uma ação na Justiça para pedir a invalidação do ano letivo de 1987, já que os 57 dias de aulas repostas estão sendo anotados nas UCRES — Unidade de Coordenação Regional de Ensino — como faltas não justificadas, informa a vice-presidente, Joaquina de Oliveira. Ela explica também que nas escolas em que a greve de 87 foi parcial, há distribuição das faltas entre todos os docentes para não justificar a ausência dos grevistas.

As maiores aberrações, conforme a Alisc, ocorrem no campo das demissões. Há casos em que professores "formados" que foram demitidos ou transferidos são substituídos por funcionários de outros órgãos públicos, sem nenhuma qualificação para lecionar nos 1º e 2º graus. Um exemplo concreto dessas trocas é o da Escola Básica Pedro Vaz Caminha, na Vila São João, em Florianópolis. Um professor de Ciências (5ª a 8ª séries) foi substituído por um egresso do Supletivo de 2º grau, relata a professora de Educação Religiosa do educandário, e estudante de Psicologia da UFSC, Catarina Gewerd. Demitida, ela continua lecionando no colégio, "por um compromisso assumido juntos aos alunos". A professora conta que os alunos chegam a "fazer vaquinha" para lhe pagarem a passagem de ônibus, uma vez que não recebem salários.



Cassetete democrático agradecendo os votos

Governador não pede, decreta

O ponto crucial do conflito entre o governo do Estado e o Magistério diz respeito às eleições diretas nos estabelecimentos de ensino. "O diretor da escola deve ser alguém de irrestrita confiança do governo, porque sobre ele o governo pode executar uma fiscalização plena. É um cargo preenchido e esvaziado quando o governador entender por bem", sustentou Pedro Ivo, quando usou a imprensa para revelar duas outras conclusões brilhantes, baseadas em pesquisas de seus assessores especiais: "Há alunos em todas as cidades do Estado e não haverá mais greve dos professores, porque o governo não pagará os dias parados."

A Alisc, respondeu no dia seguinte, com um documento que analisa o pronunciamento do governador (a "grande mídia" de SC não publicou), que "o respeito à maioria se dá pelo cumprimento do que a maioria decide. Eleição direta nas escolas foi uma decisão de mais de meio milhão de catarinenses na colaboração do PEE. O diretor de escola é cargo de confiança da comunidade, para quem deve prestar serviço e com quem deve estar sintonizado. Com a desculpa de 'despolitizar a educação', não respeitando o processo eleitoral, legal, o governo quer, isso sim, transformar a escola em curral eleitoral do PMDB. Quem não dançar conforme a música é exonerado, a comunidade queira ou não".

Esta análise é aprofundada pela professora e doutoranda em Filosofia da Educação na UFSC, Marli Auras, quando questiona se os anos e anos de prática de nomeação de diretores vinha garantindo a qualidade da Educação em Santa Catarina. "Onde está o direito de o governador nomear e exonerar o diretor da escola", queixa-se Pedro Ivo, acenando com a lei federal 5.692, hierarquicamente superior ao PEE, que não é lei. Ele considera "intervenção político-partidária" o processo de escolha de diretores escolares.

O governador não pode dizer, é lógico — raciocina Marli Auras — que, com a volta das nomeações, pretende mesmo é que apenas o seu partido político, o PMDB, influencie na escola dos diretores, restabelecendo, assim, a velha prática oligárquica. "O diretor seria o delegado do governador dentro da escola e deixaria de ser o delegado da escola, seu representante máximo junto aos escalões administrativos", dispara.

Como observa a professora Marli, não é preciso ser muito inteligente para perceber ("até mesmo pela pobreza da argumentação palaciana") que a verdadeira preocupação do governador não é com a qualidade do ensino, como afirma reiteradamente mas, isso sim, com a premente necessidade de encontrar meios para promover o "desmantelamento do movimento dos educadores, que vem contribuindo para desnudar a face autoritária deste governo de oposição". Não basta punir com transferência os professores que se destacaram na luta pela democratização escolar.

Os sucessivos decretos do go-

vernador atingiram no cerne o PEE: o de novembro de 87, que extingue os conselhos deliberativos, cria os conselhos comunitários, cujos presidentes serão os diretores indicados pelo Executivo estadual; a exoneração dos 98 diretores desrespeita a lei estadual 6.709 e o PEE — que propõem eleições diretas para todas as chefias; sob a alegação de dar vagas a mais de 200 mil crianças catarinenses em idade escolar que se encontram fora da escola, o Plano Anual de Matrícula — 1988, incha as salas de aula com até 50 alunos por turma, dependendo da série, enquanto o número máximo permitido pelo PEE é 35. O próprio documento-processo "Democratização da Educação — A Opção dos Catarinenses" condiciona a revogação ou alteração de "livro verde" ao mesmo processo pelo qual foi elaborado. Prevê também a renovação de 1/3 dos membros do Conselho Estadual de Educação, o que ainda não aconteceu.

Os retrocessos aqui sucintamente analisados dão uma idéia de como o atual governo pretende colocar em prática aquilo que define como "a diretriz mais fundamental da educação" em seus Cadernos de campanha "Rumo à Nova Sociedade": **reorientar, repensar, melhorar, resgatar e reordenar o setor**. Nas palavras da diretoria da Alisc, o governador extrapola suas funções, coloca-se acima do Legislativo e do Judiciário e transforma a sua vontade em lei máxima, parodiando o Rei Luis XV, da França: "O Estado sou eu".

Geraldo Hoffmann

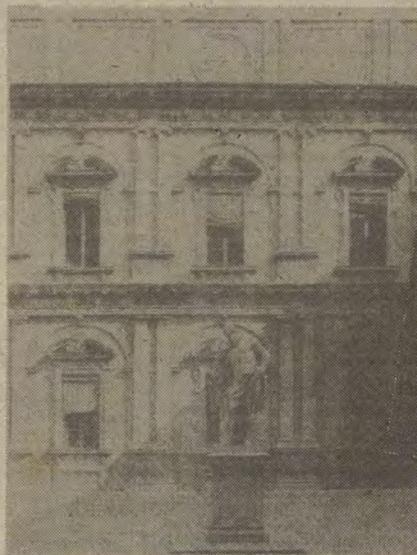
Bolonha comemora 900 anos de Universidade

É a mais antiga do mundo, mas se moderniza

A universidade mais antiga do mundo está comemorando seus 900 anos de existência. É a Universidade de Bolonha, Itália, na qual estudaram personalidades ilustres como Dante Alighieri, Petrarca, Erasmo de Roterdã, Copérnico e muitos outros, construindo toda uma história de lutas e conquistas.

O aniversário vai ser abrilhantado com uma série de manifestações envolvendo centenas de seminários e conferências científicas, mostras de arte, lançamentos de livros e de edições especiais, além de espetáculos de esporte, música, teatro e cinema.

Fundada em 1088, sem nunca se período ter interrompido suas atividades, a Universidade de Bolonha tem como atual reitor, Fabio Roversi Monaco, que para dar continuidade as atividades de comemorações convidou reitores de todo o mundo para participarem das atividades e debates sobre o sistema universitário, entre eles o reitor da Uni-



Palácio Poggi, sede



Capa da edição comemorativa

versidade de São Paulo, José Golderberg, que já confirmou presença.

UM POUCO DA HISTÓRIA
A função da Universidade de Bo-

lonha marca o rompimento do monopólio da Igreja na educação, instituindo o ensino livre e independente das escolas eclesiásticas. As aulas de medicina ministradas por Constan-

tino, o Africano, marcam o início da ruptura com o ensino monástico, seguido pelas aulas de direito.

No século 13 já haviam dez mil estudantes em Bolonha, a maioria estrangeiros, sem direito à cidadania. Somente na segunda metade do século 14 é que a universidade passa a ser reconhecida. Até o século 16, Bolonha tem uma universidade governada pelos estudantes, que passa pouco a pouco a se tornar uma instituição estatal. Depois do século 14, a universidade passa a explorar outras áreas de estudos, deixando o direito de ser seu único ponto de referência.

Hoje, com dezoito mil estudantes e vários centros de estudos avançados, a Universidade de Bolonha é uma das mais importantes de toda a Europa. Além de ter o título da mais antiga universidade do mundo, procura transformar-se na universidade do futuro, associando à tradição modernos sistemas de informação e automação. E tem tudo para isso...

Cláudia Carvalho

Para reitor Câmara só dá quatros anos

A Câmara dos Deputados já aprovou projeto de lei que determina a nomeação de reitores das universidades federais, pelo presidente da República, a partir de uma lista tríplice escolhida em eleições diretas da qual todos participam — alunos, professores e servidores. O mandato dos novos reitores será de quatro anos, sem direito à recondução ao cargo. Agora, o projeto de lei será enviado ao Senado Federal para novos estudos.

Com a aprovação, através de acordo de lideranças — já que a essa altura é difícil conseguir quórum para boa parte das votações — foi derrotado o projeto de lei do deputado Victor Faccioni (PDS-RS), que previa a reeleição dos reitores. As lideranças, ao optarem pelo substitutivo de Ruy Nedel (PMDB-RS) — que defendeu uma lista tríplice — e pela emenda de Otávio Elísio (PMDB-MG) — suprimindo a recondução — acolheram pressões da esquerda, do Conselho de Reitores do Brasil (Crub), Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes) e Federação dos Servidores das Universidades Brasileiras (Fasubra). As entidades entendem que a reeleição dos reitores é prejudicial aos propósitos de renovação em discussão nas universidades.

Caso a proposta de reeleição do deputado gaúcho fosse aprovada, o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Francisco Ferraz, convicto de que ela era "democratizante e avançada", tentaria cumprir mais uma gestão dirigindo a UFRGS.

Quatro dizem não à greve. Tudo igual

Greve, se houver, só será decidida na próxima quarta-feira, dia cinco de abril, data que ficou marcada para a efetivação de nova Assembleia Geral Acadêmica. É que na tensa assembleia do dia 29 de março, por uma estreita diferença de quatro votos, foi decidida a não-paralisação das atividades da Universidade Federal de Santa Catarina. Ao longo das 3h20min de duração, foram encaminhadas e votadas duas propostas. A primeira indicava paralisação até o dia 5 de abril e a segunda pela não realização da greve geral. Venceu a segunda, com 663 votos (23 de professores) contra a greve. Foram derrotados 630 alunos e 29 professores.

Diante de uma diferença tão reduzida, entre sua categoria, os professores exigiram nova contagem de seus votos, que confirmou a primeira contagem. Antes, para evitar confusões, a assembleia foi dividida em dois grupos, com os favoráveis e os contrários de cada um dos lados do ginásio. Foram os 50 minutos mais tensos da Assembleia Geral Acadêmica.

Encerrada a AGA, e cumprindo outra decisão tomada, cerca de 200 alunos invadiram a reitoria para exigir uma audiência com o reitor Rodolfo Pinto da Luz. Não perca a próxima assembleia.

Calouros entram sem ilusões

1º de março de 1988. Antes das 7 horas da manhã começa a invasão dos calouros que, como baratas tontas, arrastam-se pelo Campus da UFSC à procura de suas salas.

Tanto os que foram merecidamente aprovados quanto os que passaram por acaso no vestibular, já vêm cientes das dificuldades porque passa a Universidade. Alguns já esperavam um ensino falho, como a caloura Margareth, de Jornalismo: "Está melhor do que eu pensei. Esperava encontrar uma Universidade mais medíocre." Já seu colega Fabiano vai mais longe: "A impressão que estou tendo era a esperada: falta de professores, displicência de professores e alunos, inépcia". Como eles, a maioria dos novos universitários vêm de um 2º grau defasado. "Essa defasagem é uma seqüência lógica que não é culpa dessa instituição, mas do sistema de ensino em geral", afirma Margareth. A decepção é tanta que não são poucos os calouros que, como menos de um mês de aulas, já pensam em mudar de curso.

Além das dificuldades diretamente ligadas ao ensino, outras como a falta de material, transporte coletivo, moradia estudantil e a sempre lembrada comida do R.U., só agravam a situação. Há quem não reclama e esteja

achando tudo um barato, desde as aulas até a falta delas; a recepção calorosa, com banhos na lagoa do Centro de Convivência; os tradicionais trotes e tudo o mais.

Dizer que os estudantes vêm para a Universidade cheios de sonhos e perspectivas seria, no mínimo, ingenuidade. Mas também não é errado afirmar que são poucos os que têm realmente consciência da situação e de suas conseqüências. (Há significativa diferença entre estar ciente e estar consciente). Essa alienação fica clara quando se toca o assunto de greve, palavra maldita. A grande maioria posiciona-se contrária sem antes questionar-se, sem estar a par dos fatos. É mais cômodo ter aulas "tapando buracos" do que reagir com posicionamento definido diante dos disparates que denigrem a educação em todo o país. Nos calouros o receio da greve é mais explícito. O argumento é que esta greve que hora se articula não atingirá seus objetivos.

BUSCANDO OS DADOS

Se as expectativas dos calouros em relação à Universidade ficam claras, o mesmo não acontece com o perfil sócio-econômico dos estudantes quando se tenta usar os dados do questionário formulado pela COPERVE. Já num primeiro momento

constatam-se falhas gritantes no dados, como no caso de duas questões, uma delas sobre a ocupação principal do pai do vestibulando e outra sobre a renda total da família. A resposta com maior percentual à primeira pergunta apontava para proprietários e administradores de grandes empresas; paradoxalmente, a segunda questão assinalou a predominância (56,7%) de famílias recebendo até um salário mínimo (na época, Cz\$ 1.969,92).

Revela-se uma grave falta de sinceridade nas respostas dos vestibulandos, o que prejudica o trabalho de informação e pesquisa da Universidade. A quase totalidade dos candidatos, ao preencher o questionário, parece não encarar com a seriedade merecida.

A falta de esclarecimento quanto à finalidade, quem vai consultá-lo, como vai ser utilizado, aliada ao fato de o questionário caracterizar-se por penetrar na individualidade dos candidatos de maneira pouco sutil, sem um mínimo de bom senso, incitam a mentir ou omitir informações.

Convém discutir se esse questionário não é propositalmente mal elaborado para que a verdadeira situação do universitário não apareça.

Julio C. Pompeo e Graziela S. Nunes

MEC estuda a Universidade

Aberta, é mole?

O Conselho Federal de Educação aprovou um parecer criando um grupo de trabalho para planejar e incentivar a implantação da "universidade aberta no Brasil". Segundo o conselheiro Arnaldo Niskier seria uma primeira experiência com o ensino à distância a ser implantado no País. Niskier acabou de concluir um estágio na Open University da Inglaterra, que funciona por correspondência emitindo certificados, e considera viável a idéia, já que o modelo da universidade no Brasil está sendo questionado e o momento seria ideal para a implantação de algo semelhante no Brasil.

Um dos objetivos da "universidade aberta", seria a capacitação de professores que já lecionam, como é o caso dos professores de 1º grau, cuja habilitação é feita a nível de 2º grau. Além da capacitação de professores, também é possível dentro o projeto, o treinamento de mão-de-obra e reciclagem, que poderia contar com o apoio e interesse da iniciativa privada. Nos dois casos ele defende a utilização das universidades federais e estaduais para a coordenação do projeto.

A partir dessa idéia surge uma questão: dar diploma seria uma boa? Niskier sugere que na experiência piloto não seja dado o diploma. (A.R.M.)

Regime autoritário presente na TV

Moacir fala de jornalismo, seu livro, diploma...

Zero — Fale do livro que você pretende publicar.

Moacir Pereira — Pretendo examinar, a imprensa de Santa Catarina, ainda que não com muita profundidade — as quatro etapas da nossa imprensa. A etapa da instalação, com a característica político-partidária, a fase da expansão dos meios, a fase da modernização e agora, essa que eu considero a mais importante, que é a da profissionalização. Uma pequena nota histórica sobre a imprensa em Santa Catarina, porque nós temos realmente uma memória muito fraca. Nós não temos memória sobre a imprensa ou sobre a política de Santa Catarina. Eu gostaria até, se tivesse mais tempo e condições, de tentar resgatar a história da política catarinense, que realmente não existe.

Z — Os meios de comunicação em Santa Catarina já atingiram um bom nível profissional?

M.P. — Eu creio que sim. Do ponto de vista tecnológico, está até na frente dos outros estados. O DC tem hoje o equipamento mais moderno de composição que existe no Brasil, com sofisticados equipamentos de computação, acoplados às centrais. Mas eu acho que só isso não basta. Eu entendo que nós estamos num bom nível, estamos caminhando para um bom nível de profissionalização, na medida em que abandonamos a fase que acompanhou a imprensa catarinense no império e na república, que é a da vinculação partidária. Veio um segundo momento, do início da censura política. Veio mais outra etapa, do exercício do jornalismo ou de uma maneira amadorística ou de um engajamento que levava à

dependência da atuação profissional. Mas eu vejo que nós estamos caminhando realmente para uma profissionalização. Primeiro que as pessoas, os egressos das escolas de comunicação, e os que já atuavam na profissão passam a viver exclusivamente do jornalismo. Hoje já existem empresas que estão pagando salários que permite esta situação. Há 20 anos atrás isso era impossível. Eram apenas casos excepcionais, que nós encontrávamos nos meios de comunicação de massa.

Z. Você trabalhou durante 6 anos no Jornal de Santa Catarina e agora retorna ao jornal O Estado. Por que a mudança?

M.P. — Em primeiro lugar porque o jornal O Estado tinha um espaço aberto que não estava preenchido. No momento em que eu aceitei o convite, do Comelli e do Osmar para trabalhar no Jornal O Estado, eu vi essa perspec-

“Jornalistas formados estão na vitrine. Os médicos ficam no balcão”

tiva. Quer dizer, eu saio do JSC, onde eu tenho em espaço, e eu que conquistei, modéstia à parte, que o jornal não tinha também colunista na época, em 1982, e no momento que eu deixasse o JSC, iria permitir que um outro companheiro assumisse aquele posto. Em segundo lugar porque me sensibilizei com o projeto de modernização e de profissionalização do jornal O Estado, apresentado pelo Comelli, pelo Cesar Valente e pelo Osmar, diretor. Eu senti uma disposição firme deles de efetivamente ocuparem uma parcela do mercado de Santa Catarina que está carente, sediosa de infor-



Na mudança, contentamento

mação.

Z. O Jornalista Estácio Ramos deixa a RBS para assumir a superintendência da RCE. Quem ganha e quem perde com isso?

M.P. — Vi com muita satisfação, como jornalista e como cidadão, essa transferência do Estácio Ramos, e o lançamento desse projeto novo, de instalação de uma nova rede em SC, que ainda não existe, que é a RCE, de rádio e de TV. Em segundo lugar de executar um projeto altamente profissional. Ganha o público por que? porque o Estácio Ramos vai lançar novos projetos na área jornalística. Eu tenho informação de projetos bastante ousados na área jornalística. Pelo que eu conheço do ER e o que eu conheço do mercado catarinense, a RCE não tem como competir com a Globo na programação nacional. Ela tem uma grande fatia do mercado, exatamente na programação local.

Z. Qual o meio de comunicação, no estado, que você classificaria como de melhor qualidade profissional?

M.P. — No meio radiofônico, eu tenho constatado que no interior de SC, se

faz um trabalho de melhor qualidade do que em Florianópolis. Se você for a Joinville, Blumenau, Criciúma, vai encontrar jornalismo sério, rádio que faz prestação de serviços, dá informação, dá orientação, permanentemente, com as grandes reportagens, com as transmissões diretas. Eu vejo o rádio e a TV como instrumento de prestação de serviços, de informação, e de lazer, de elevação do nível educacional e cultural da população. Em função, até mesmo do processo político brasileiro, do regime autoritário, nós vemos as emissoras de TV, transformadas em redes nacionais que sufocaram manifestações artísticas, culturais e folclóricas, em várias regiões do Brasil, e o Brasil, hoje, está uniformizado pelas redes nacionais de TV, lamentavelmente, e as estações de rádio, em sua grande maioria, foram transformadas em toca-

“O rádio do interior é melhor. Na capital só se ouve música”

discos. E desgraçadamente transmitindo músicas estrangeiras, o rock pauleira que faz sucesso na novela das oito. Quando o que nós deveríamos fazer é exatamente utilizar e explorar o potencial das emissoras de rádio, para levar orientação sobre noções de higiene, levar saúde, levar lazer, levar a informação, a reportagem, debates e entrevistas para as emissoras de rádio.

Z. Os cursos de comunicação não estão formando jornalistas, já que os alunos só aprendem quando ingressam no mercado de trabalho. Você concorda, vê alguma solução à respei-

to? E o problema do diploma obrigatório para exercer a profissão de jornalista?

M.P. — Eu constato que realmente os cursos de comunicação não estão formando os profissionais que o mercado deseja, com uma boa formação humanística, uma boa qualificação técnica. E agora, os cursos de medicina também não estão formando os médicos de que o Brasil precisa. E isso vai se repetindo na engenharia, na odontologia, na filosofia. Então essa carência não é uma carência dos cursos de comunicação.

Isso se torna mais evidente, exatamente porque os jornalistas que são formados pelos cursos de comunicação estão mais na vitrine. Os médicos e os dentistas estão atrás do balcão, cada um no seu gabinete.

O que não se pode chegar a concluir a partir dessas deficiências é que os cursos são dispensáveis. Eu desafio alguém a me mostrar de maneira lógica, racional que os jornalistas formados no dia a dia da profissão — eu acho que estou muito à vontade pra falar sobre isso, porque eu não sou formado em jornalismo. Eu sou formado em direito. — Mas um quadro geral comparativo, os jornalistas que salvo exceções, naturalmente, aqueles que procuraram o seu aprimoramento técnico, pela sua formação humanística, a elevação do seu nível cultural — mas isso são exceções à regra. Mas no geral os que saem dos cursos de comunicação têm uma visão crítica da sociedade, muito mais ampla, têm uma formação humanística muito melhor, têm uma noção de história muito mais aguda, muito mais forte. E até mesmo uma certa preparação técnica.

A garotada já pode votar com 16 anos

A constituinte aprovou o voto facultativo para os maiores de 16 anos. Serão, segundo o IBGE, 200 mil novos eleitores em Santa Catarina e 5,7 milhões em todo o país. Destes, 60 por cento exercem algum tipo de atividade profissional remunerada. Polêmica, a proposta foi lançada pela primeira vez em 1985, no congresso da União da Juventude Socialista. Daquela data até sua aprovação, a entidade desenvolveu um intenso trabalho para tornar lei sua reivindicação. Joaquim Perez, da coordenação nacional da UJS, conta como foi esta campanha e o lobby que garantiu a vitória do voto aos 16 anos:

“Logo após o congresso, realizado em fevereiro, a entidade passou a divulgar sua proposta por todo o Brasil. Uma das formas utilizadas foi a pichação em muros, feita em tão grande quantidade que mereceu destaque na televisão nacional. Em 1986 a campanha prosseguiu, com debates e outras atividades. Neste ano, o deputado Hermes Zanetti (PMDB-RS), a pedido da UJS, apresentou um projeto na Câmara dos Deputados. “Mas a mesa manobrou, e nós fomos derrotados”, diz Joaquim.

A derrota, contudo, não conseguiu abalar o ânimo do UJS. No mesmo ano ela voltava às ruas com sua campanha. No entanto, segundo Perez, “a imprensa iniciou uma contra-campanha por todo o país”. O coordenador da entidade conta que um dos argumentos utilizados nesta “contracampanha”, era a possível redução da idade penal para 16 anos. Um argumento sem consistência: “o próprio Bernardo Cabral, que também é jurista, garantiu que este argu-

mento é falso”.

Quando a constituinte foi instalada, a UJS deu a ela uma atenção especial. “Nós sabíamos que sua composição era de maioria conservadora”, diz Perez, “mas nós não podíamos ignorá-la”. Na primeira fase, das comissões temáticas, o voto aos 16 anos foi rejeitado. Quando teve início o trabalho da comissão de sistematização, começou a funcionar o lobby da UJS.

Diferente do lobby de outras entidades, como a UDR, este não utilizou o poder econômico. A forma de pressão utilizada foi a visita a todos os membros da comissão. Alguns deles foram procurados mais de uma vez, na tentativa de serem convencidos a votar na proposta da UJS. No final, a comissão de sistematização aprovou o voto aos 16



Eleitorado dá pau em Sarney

A solução para os problemas brasileiros passa, segundo Evilásio Salvador — de 17 anos — “pelo fim do governo Sarney e a eleição de um governo ligado ao povo”. Evilásio é auxiliar de escritório em Criciúma, e trabalha desde os 14 anos de idade.

Acompanhando a vida política do país pela imprensa, ele acredita que “sem a participação da juventude nada mudará”.

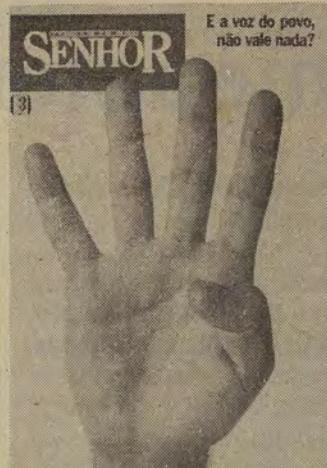
Outro que também não simpatiza com o “Zé Ribamar” — vulgo Sarney — é Márcio Daniel

da Silva. Ele tem 16 anos, e é auxiliar de escritório em Florianópolis. Márcio considera-se suficientemente responsável para votar, “afinal, eu trabalho o mesmo tanto que um adulto e ajudo a construir este país. “Este, aliás, foi o principal argumento da UJS.

Cearense de nascimento, e morando em Florianópolis desde 1984, o office-boy Andocides Gomes considera o presidente Sarney “um inimigo da juven-

idade brasileira”. Ele que tem 17 anos, lembra que um jovem de classe baixa não pode se divertir, e muitas vezes nem estudar: “Se ele — o jovem — não trabalhar, a sobrevivência da família corre um sério risco”. Triste com o presente, Andocides não perdeu a esperança no futuro, “se depender de briga, as futuras gerações vão herdar um mundo melhor”, diz ele.

Carlos Eduardo Caê



A melhor capa de março



Com Imprensa, jornalista virou pauta (sem morrer)

A revista *Senhor* da terceira semana de março (aquela que mostra uma “mãozinha” significativa na capa) traz uma matéria sobre o declínio do PIB brasileiro. É mostrado que, não fosse o desempenho da agropecuária em 87, o nosso produto interno bruto seria uma total desgraça.

A indústria, que mostrava força em anos anteriores, mostra um raquítico crescimento, e o setor de serviços continua patinando. A matéria não aborda, mas pode-se desconfiar de uma coisa: não foi apenas a agropecuária que segurou as pontas de um fiasco deprimente. A produção editorial deve ter contribuído e muito. Quem duvidar que passe numa banca de revistas e jornais e examine os títulos. Desde “como fazer cerveja em casa” até revistas semanais de informação existe uma quantidade imensa de publicações.

É certo que alguns títulos desaparecem após uma ou duas edições. Quem (com mais de 30 anos) não se lembra de uma revista chamada *Repórter*? Emplacou apenas três números. E o *Jornal da República*? É bom parar por aqui. Espera-se que a revista *Imprensa*, que tem o próprio jornalismo como pauta permanente, tenha um melhor destino. Em fevereiro a revista (publicação da Feeling Promoção e Comunicação, São Paulo) apresenta uma matéria de capa sobre o livro “Minha Razão de Viver” do jornalista Samuel Wainer e um número seis junto ao logotipo. Quer dizer, está agüentando...

Mas o que se deve esperar de uma revista que tem o jornalismo como matéria? Publicar o que a grande imprensa não publica? Entrevistas com jornalistas famosos? Ironizar as mancas das revistas? Mostrar o entrache-sai das redações? Apesar de ter cativa uma das melhores pautas deste País — a imprensa brasileira — os leitores certamente querem mais que folclore. Procuram nas bancas um produto escasso, existente, mas raro, que é o próprio jornalismo. Disso ninguém pode duvidar: à medi-

da que aumentou o número de publicações o jornalismo definiu.

A questão não é ditar receitas de como deveria ser uma revista que trata do jornalismo. Mas uma coisa é certa: deve haver um diferencial entre uma revista como *Imprensa* e os jornais e revistas existentes. Isso porque há o perigo de misturar, mesclar, este tipo de publicação com as já existentes. Hoje, no Brasil, a publicação que pretende ter a imprensa como assunto, deve procurar e praticar diferenças no estilo de trabalho. Do contrário, pode acontecer uma situação de atoleiro onde as referências que ainda existem serão inevitavelmente perdidas. Pode acontecer uma situação surrealista onde o objeto de matéria (imprensa) torna-se exemplo para a revista *Imprensa*.

Se o futuro mostrar que a direção foi esta, a revista *Imprensa* será apenas “mais uma publicação”. Bem intencionada, sem dúvida, mas apenas mais uma nas recheadas bancas e revistas. A imprensa brasileira, nos tempos que correm, precisa voltar a praticar o jornalismo. Isto é o óbvio. Para isso, necessita sentir concorrência e diferenciação. A pior política agora (e mesmo de marketing) é uma publicação como *Imprensa* não perceber isso.

A situação que se apresenta, como uma revista querendo pautar a imprensa nacional, deve indicar novos caminhos para o jornalismo. Isso é fundamental, para que não descaia de vez os últimos resquícios que se têm de jornalismo. E alguma publicação precisa fazer isso. Ou será que tem gente pensando como Barão de Münchhausen que conta o seguinte em uma de suas famosas histórias: o mesmo estava caminhando quando caiu em um pantanal. A lama já estava cobrindo o Barão que desesperado não sabia o que fazer. Neste momento ele teve uma idéia brilhante: agarrou seus próprios cabelos e foi puxando até conseguir sair do pantanal.

Hélio A. Schuch
Professor e jornalista

Cresce na Ilha busca ao ensino alternativo

Aumenta o número de pais que procuram novas opções de ensino para seus filhos. Florianópolis oferece quatro chances

Uma das principais características das Escolas Alternativas é o respeito que elas têm pelo ritmo próprio do desenvolvimento da criança. Além disso, nessas escolas as professoras não são chamadas de "tias", mas pelo nome, tornando a relação aluno-professor uma relação de amizade.

"Nas escolas tradicionais o professor transmite o conhecimento aos alunos. As crianças são consideradas uma vasilha. Há uniforme, as professoras são chamadas de tia, uma metodologia específica", explica um dos diretores da Escola Alternativa Sarapicuí, que fica no Córrego Grande. Essa escola surgiu em 1981 através da reunião de um grupo de professores da universidade que não queriam colocar seus filhos nas escolas em que estudaram quando crianças, e além disso, queriam participar do processo educativo dos filhos.

A escola, na verdade, é uma Associação de Pais e Professores. Todas as decisões como salário dos professores, demissões, aumento das mensalidades, são tomadas em assembleia, e é feita também a eleição da direção de ano em ano. Na contratação de professores não se exige uma formação superior. O professor se enquadra na metodologia da escola participando das reuniões pedagógicas e dos grupos de estudo. Os pais se organizam formando comissões. Existe a Comissão da Saúde, das Finanças e a que se ocupa da organização das festas.

A escola possui uma biblioteca onde são guardados os livros de histórias, um museu onde ficam animais dentro de vidros (ratos, cobras e outros) e uma oficina onde se trabalha com argila, madeira e sucata. Há dias em que as crianças vão para a cozinha e fazem sopa, pizza ou outra comida para o lanche.

Mas cada escola é alternativa do seu jeito. A Associação da Praia do Riso que fica em Coqueiros, era uma escola particular e há um ano virou uma associação de pais e professores. A participação dos pais não é tão intensa. Diariamente há bate-papos no portão e sempre que é preciso os pais são chamados na escola para conversar sobre os filhos. Há também reuniões pedagógicas mensais ou quando os professores sentem necessidade de maior troca entre eles.

A escola tem desde 1987 o primeiro ano, além da pré-escola, maternal e jardim. Agora já tem o segundo ano e logo logo haverá o terceiro. No primeiro ano



Foto: Flávio Canalonga/Veja

Este modelo educacional está em xeque

o currículo é o mesmo das escolas comuns, o que é diferente é o método como é aplicado. Segunda Tânia, coordenadora da pré-escola, não há aulas expositivas e não se trabalha com as tradicionais cartilhas. "As crianças aprendem através da pesquisa e da descoberta". Um exemplo é a forma como é trabalhada a questão da páscoa. "Tentamos resgatar o sentido histórico e folclórico. O lado religioso também existe, mas não é colocado como uma verdade absoluta."

"Não se agrada todo mundo", diz Bernadeti Zanetti, a Detinha, uma das diretoras da Escola Vivência. Ela conta que já aconteceu de pessoas se desapearem com a escola, acharem um absurdo e tirarem seus filhos. "Isso acontece com pais que não têm nada a ver com a escola." Detinha, professora de história e Keka, pedagoga, fundaram a escola em 84. No início além de administrar eram também professoras e aos sábados e domingos ajudavam na limpeza. Desde o ano passado cuidam apenas da parte administrativa. Trabalham com crianças a partir de dois anos até os seis.

Eles possuem uma horta, museu, viveiro, o oficina criativa além de um professor de música. No ano passado, a Escola Vivên-

cia montou um projeto que foi enviado para a prefeitura de Florianópolis na tentativa de conseguir verbas para participar de um projeto piloto sob a orientação da Escola da Vida que atua na cidade de São Paulo, desenvolvendo um trabalho de alfabetização na linha de Emília Ferreiro. Emília Ferreiro faz um estudo sobre o processo de alfabetização tentando relacionar a lógica da criança com níveis de aprendizagem.

A Escola Vivência oferecia em troca repassar os conhecimentos adquiridos em São Paulo para os coordenadores das escolas municipais. A verba não foi liberada. Há o cuidado permanente de promover cursos para os professores que também se formam dentro da escola. Há um pai psiquiatra que trabalha a questão emocional dando uma assistência a nível dos professores. O sonho de Detinha é ter um terreno maior, onde haveria todo o tipo de criação e fosse possível continuar com a proposta da escola: permitir que a criança tenha um grande número de experiências e, através delas, capte os conhecimentos.

Arley R. Machado



Foto: Franck Fournier/Contact

Traje recomendável para muitas mulheres

Delegacia da Mulher ganha confiança e amplia atendimentos

O primeiro movimento de repercussão social desencadeado pelas mulheres aconteceu dia 8 de março de 1857, em Nova Iorque, quando 127 operárias foram incendiadas dentro de uma fábrica, durante um protesto contra a jornada de 16 horas de trabalho diárias. Somente 53 anos depois, na mesma data, foi oficializado o Dia Internacional da Mulher.

Este foi o começo de uma luta que, com o passar dos anos, continua. Hoje a mulher ainda é vítima de preconceitos na sua vida pessoal e principalmente na área profissional, onde o homem ganha em média 20% a mais do que a mulher, exercendo as mesmas ocupações técnicas.

Alguns historiadores, através da análise de desenhos feitos no interior das cavernas, acreditam que na Idade da Pedra a mulher, por gerar filhos, era considerada mais forte. O homem era submisso à sua condição e, só quando descobriu ter um papel fundamental na concepção dos filhos, ele desmitificou a mulher e, sob o uso do cassetete da pedra, a intimidou.

Vale lembrar que, apesar de não estarmos na Idade da Pedra, há homens que continuam usando de violência contra a mulher. Com o propósito de baixar este índice e garantir os direitos femininos, foi criada a Delegacia da Mulher. Em Santa Catarina, ela foi instalada na capital, em se-

tembro de 1983. A Delegacia (6º DP) fica na Av. Mauro Ramos, em frente ao banco redondo.

A delegada Ester Coelho Cardoso diz que seu trabalho "está um pouco mais fácil", agora que pode contar com a confiança das mulheres e da sociedade. "Antes as mulheres não procuravam a Delegacia por medo de posteriores agressões, ou mesmo pela falta de confiança na seriedade do nosso trabalho. No entanto, as que nos procuram, hoje, muitas vezes retiram suas queixas na hora em que elas são levadas ao Tribunal", explica Ester. O trabalho da Delegacia então é prejudicado e esse tipo de atitude acaba contribuindo para o aumento da violência.

O 6º DP conta com alguns PM's para dar apoio, mas o trabalho feminino se restringe à parte de atendimento, registro de queixas, e situações burocráticas. Faltam carros e pessoal especializado.

Entre janeiro e março, o 6º DP atendeu, em média, dois a três casos por dia, sendo a maioria (99%) agressões físicas. Os casos de estupro raramente são denunciados. Segundo Ester, a mulher não dá queixa de estupro por receio de ser ridicularizada pela sociedade, além do medo de ser violentada novamente.

Roberta M. Miranda

Movimentos negros questionam a festa pela abolição oficial

“Decreto nº 3353, de 13 de maio de 1888, que extingue a escravidão no Brasil”.

“A Princesa Imperial Regente, em nome do Imperador, o senhor D. Pedro II, há por bem sancionar e mandar que se execute a seguinte Resolução da Assembléia Geral:

“Art. 1º — É declarada a data da presente lei, extinta a escravidão no Brasil”.

“Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário. Rodrigo Augusto da Silva do Conselho de Sua Majestade o Imperador, ministro e secretário do Estado dos negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, assim o tenha entendido e faça executar.

Palácio do Rio de Janeiro em treze de maio de 1888 — Izabel, Princesa Imperial Regente. Rodrigo Augusto da Silva”.

Os 100 anos de Lei Áurea, essa comemoração toda, vem, de forma subjetiva, dividir o movimento negro. Ela não tem apenas um caráter festivo do reconhecimento da abolição, mas possui uma conotação política.

O movimento negro não é uma organização de ação única. A meta de todas as organizações negras é o combate ao racismo, embora cada grupo tenha um estilo de ação. Algumas não estão festejando a abolição mas outros certamente vão comemorar, entrando dentro do projeto de comemoração e isso causa a ruptura do movimento. É uma questão ideológica.

A nível nacional foi determinado por esses grupos uma marcha de protesto no dia treze de maio, como forma de não comemorar o feriado da Lei Áurea. A morte do último líder do Quilombo dos Palmares, Zumbi, representa a resistência do povo negro. Explica-se, então, o porquê da escolha do dia vinte de novembro para o feriado. Dessa forma o que é passado através do treze de maio é uma liberdade que não aconteceu.

História

A história oficial do Brasil não falha apenas no que se refere ao negro. A escola dentro de uma sociedade capitalista tem como função reproduzir as relações de exploração. Os dominados são aqueles indivíduos que historicamente trazem o estigma de serem inferiores e que não é por coincidência que são negros, mestiços, nordestinos e mulheres os premiados.

Desde a pré-escola se trabalha muito em cima da cor

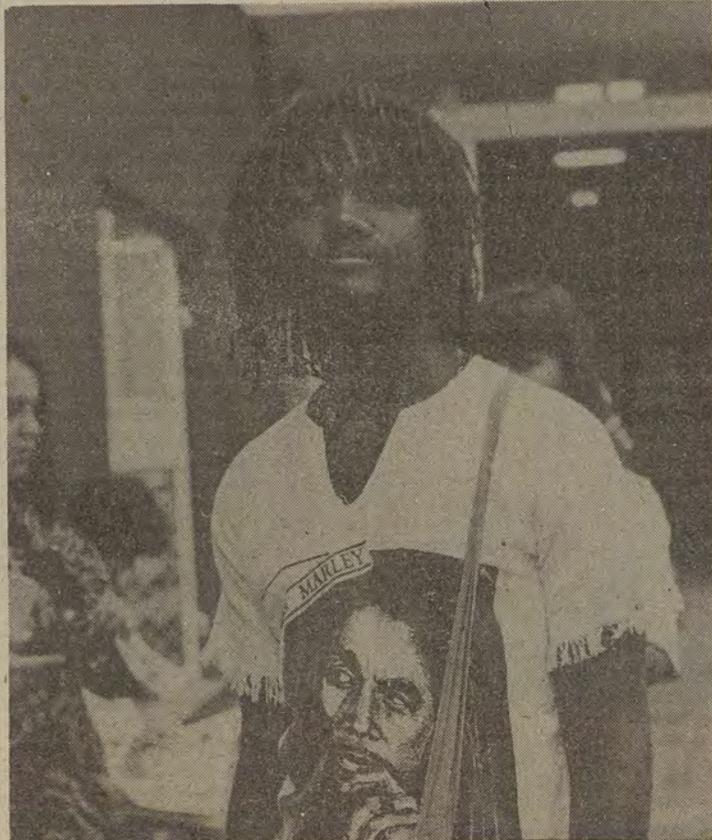


Foto: Sabrina Franzoni/Zero

Ele é maioria na população e sabe

negra. A criança não vê o anjo negro, não vê a fada negra. No entanto, o boi que vem pegá-la é de cara preta, a noite é assustadora, e é preta. O indivíduo pobre não tem condições econômicas para se manter em uma escola, e o negro é pobre. No primeiro grau existe um número concentrado de negros, mas até chegarem à universidade este número se torna irrisório.

Jerusi, mestrada em educação, nos conta que quando foi à biblioteca fazer sua carteira, a funcionária não acreditou que ela, uma negra, cursava um mestrado e até ameaçou ligar para a secretaria de educação a fim de verificar. Paulino, estudante de história da UFSC diz que negro é visto como pobre, feio, sujo, marginal e vai por aí... Deixar de ser negro, ascender socialmente, significa deixar de ter comportamento negro e para isso é necessário passar a assumir todos os padrões de comportamento da sociedade branca. “Se você não corresponde a esses padrões, você passa a ser rejeitado”.

Ivan, integrante do Núcleo de Estudos Negros fala que as pessoas tentam insistentemente despojá-lo de assumir sua posição como negro. “Eu sempre fui encarado moreno,

como forma de amenizar o preconceito”.

Mulher

A mulher negra sofre uma discriminação tripla, no sentido em que é pobre, negra e mulher. Durante o século dezanove e todo o período de escravidão, as negras mantinham relações com seus senhores. Enquanto senhor hoje, ele continua mantendo relações com as negras, mas a relação de casamento é com a mulher branca. No próximo dia trinta de abril, vai acontecer uma reunião estadual para refletir a questão da mulher negra no contexto social. O evento vai ser em Florianópolis.

Seja para o homem ou para a mulher negra continua a luta pelo direito de ser negro:

— “Nós não temos história dentro do contexto brasileiro e o que passa do negro é que ele era pacato, passivo e aceitava com resignação a escravidão. O resgate da data de vinte de novembro se deve ao fato de que Zumbi não morreu. Não vamos comemorar o dia de sua morte mas o dia em que a gente fortalece. É uma data de resistência”.

Negros do Brasil

Rozana de Moliner e Sabrina Franzoni

Israel continua matando na terra dos palestinos

09 de dezembro de 1987: grupos de palestinos revoltados com a repressão que vinham sofrendo, começaram uma série de manifestações nas ruas dos territórios palestinos ocupados por tropas israelenses desde 1967 (Faixa de Gaza e Cisjordânia). Em apenas 102 dias, já morreram 100 palestinos, vítimas das balas do Exército israelense. Agora morreu o primeiro soldado de Israel com dois tiros, os primeiros disparados pelos manifestantes. E Israel reage: “Vai haver represálias”.

Mesmo assim, as autoridades israelenses começaram a temer por um levante armado dos árabes. É sabido que até agora os palestinos haviam se defendido apenas com paus, pedras e gasolina. Por este motivo, os soldados receberam ordens para atirar — não mais nas pernas — em quem oferecer “ameaça” ao Exército. Desta forma eles pretendem evitar uma “revolta armada”, que, na verdade, não tem a menor chance de acontecer. A população não possui armas de fogo. Além do território ocupado, os palestinos não têm como se defender, quanto mais atacar.

Dia da Terra

Outro fato que vem preocupando os sionistas, é a greve geral decretada dia 30 de março. Neste dia os palestinos comemoram o Dia da Terra, que lembra os sangrentos distúrbios ocorridos na Galiléia em 1976 quando palestinos protestam contra a desapropriação de suas terras. Esta greve geral conta, inclusive, com o apoio do Partido Comunista Israelense (Rakha) e da Liga Progressista da Paz.

Enquanto isto, a repressão continua solta em Israel. Depois de invadir o Hospital de Ramalah, com a desculpa de que ali estava montado um quartel geral dos manifestantes. Isso tu-

do porque de seu telhado foram vistos algumas pessoas agitando uma bandeira palestina. Foi decretada também a ilegalidade da A-Chabiba (juventude em árabe), uma organização estudantil palestina, sob a alegação de que este grupo estava disseminando a “subversão” nas escolas da Cisjordânia e Gaza.

Plano de Paz

Parte interessada no conflito, os Estados Unidos mandaram ao Egito o enviado especial Philip Habib para buscar apoio dos árabes ao plano de paz feito pelos norte-americanos. Porém, antes mesmo que as negociações esquentem, o plano já está fadado ao insucesso. Primeiro porque é época de eleição em Israel e só o novo governo deverá tomar alguma posição concreta. Segundo que o órgão oficial palestino, a OLP, está sendo deixada de fora das conversações. Além disso, a situação do Oriente Médio só vai se resolver pacificamente caso Israel devolva os territórios ocupados aos palestinos. Como isto nunca acontecerá, os árabes continuarão a se manifestar cada vez com mais intensidade.

OLP, Ausente!

O que mais chamou a atenção no início das manifestações foi a ausência da OLP, que se manteve afastada dos conflitos e que só agora começa a entrar no bonde, mais sem pagar passagem, de carona. O movimento começou com a revolta da população, veio de baixo. Assim, tem-se a certeza de que o povo está mobilizado e unido.

Daqui para frente, ninguém sabe o que pode acontecer. Só uma coisa é certa: os conflitos devem se arrastar até que uma solução seja dada ao povo palestino.

Ismail Ahmad Ismail



Luta territorial ou racial?

Polêmica: beijo dá AIDS?

Foto: Chisson/Gamma-Liaison

Masters & Johnson dizem sim

As revelações contidas no livro *Crisis*, dos pesquisadores norte-americanos William Masters e Virgínia Johnson, afirmam que através do beijo na boca pode-se contrair AIDS. A célebre dupla de terapeutas sexuais está sendo, agora, bombardeada por especialistas que contestam a validade científica do trabalho. O livro causa polêmica, pois os pesquisadores alegam que a contaminação pelo vírus não efetua apenas através de relações sexuais e uso compartilhado de agulhas intravenosas. O beijo na boca deu uma nova dimensão à AIDS.

O livro de Masters e Johnson baseia-se num estudo realizado entre 800 voluntários, homens e mulheres de 21 a 40 anos. Eles procuraram pesquisar um contingente fora dos chamados "grupos de risco". As pessoas foram divididas em dois grupos, 400 que tiveram relações monogâmicas e igual número que tiveram, no mínimo seis parceiros.

Os dados indicam que 7% das mulheres e 5% dos homens heterogâmicos estavam infectados, contra 0,25% de monogâmicos que têm probabilidade de contrair a doença. As conclusões a que chegaram foram que as chances de contágio entre os heterossexuais são muito maiores do que se pensa e a fragilidade do tecido inferior da boca (sujeito a cortes e a outros ferimentos) faria do beijo um perigoso meio de transmissão do vírus.

Na opinião de muitos infectologistas, as afirmações do casal Masters e Johnson não tem ne-



Masters & Johnson: oportunistas ou equivocados?

nhum embaçamento ou documentação científica. Morton Sheinberg, imunologista, afirma que os dados apresentados no livro "não levam a conclusão de que realmente "ocorra contaminação durante o beijo na boca".

O diretor interino da Divisão de AIDS do Ministério da Saúde, Pedro Chequer fala que "está comprovada a existência do vírus da AIDS na saliva, suor e lágrima" mas ressalta que a contaminação só se daria em ca-

cientes muito avançados.

O estudante de Economia da UFSC, Carlos Alberto, acha que é somente uma maneira encontrada pelos dois pesquisadores de venderem mais livros. Para ele AIDS não é preocupação, "pois tenho minha companheira a 2 anos e confio muito nela". E além do mais "os meios de comunicação sempre aumentam mais do que é, dando uma visão sensacionalista dos acontecimentos".

Mas o debate em torno do "beijo na boca" não é de forma alguma sensacionalista. O casal fez muitos trabalhos sérios. Em 1966 publicou o livro "Reação Sexual Humana" (estudo sobre a fisiologia e a anatomia da atividade sexual humana observada em laboratório) leva o médico William Masters e sua esposa, a psicóloga Virgínia Johnson, ao reconhecimento internacional da comunidade científica. Ao ressaltarem, em 1979, conversão

de homossexuais em heterossexuais e surpreendem psiquiatras e psicoterapeutas com a declaração que "da mesma forma que a pessoa aprende a ser homossexual, a pessoa pode desaprender". As pesquisas do casal sempre foram polêmicas, mas com o "beijo na boca" eles decolaram.

Analú Zidko e Sabrina Franzoni

GAPA quer fim do preconceito

Em entrevista com o presidente do GAPA (Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS), Rui Iwerstn, falou sobre a doença e a atuação da equipe no Estado. A entidade, que reúne profissionais em geral (principalmente os da saúde) e outros voluntários que estejam interessados em trabalhar com portadores do vírus e com sua família. O GAPA funciona através de quatro subgrupos: prevenção, apoio, eventos, estudos e pesquisas.

Mas há uma preocupação. A entidade ainda não teve tempo de chamar a imprensa e dar-lhe maiores informações sobre o assunto, para que injustiças não sejam cometidas. E dizer-lhes que: "AIDS é uma doença que tem um estigma social muito grande". Assim, o trabalho de divulgação em Santa Catarina

está atrasado, dando margens a manchetes que criam um falso moralismo, como o que aconteceu em Itajaí. Lá uma notícia veiculada por um jornal, fez com que os travestis e prostitutas passassem a ser apedrejados. Além disso a imprensa divulgou uma lista com nomes e fotos de pessoas portadoras ou doentes de AIDS. É caça às bruxas — mesmo.

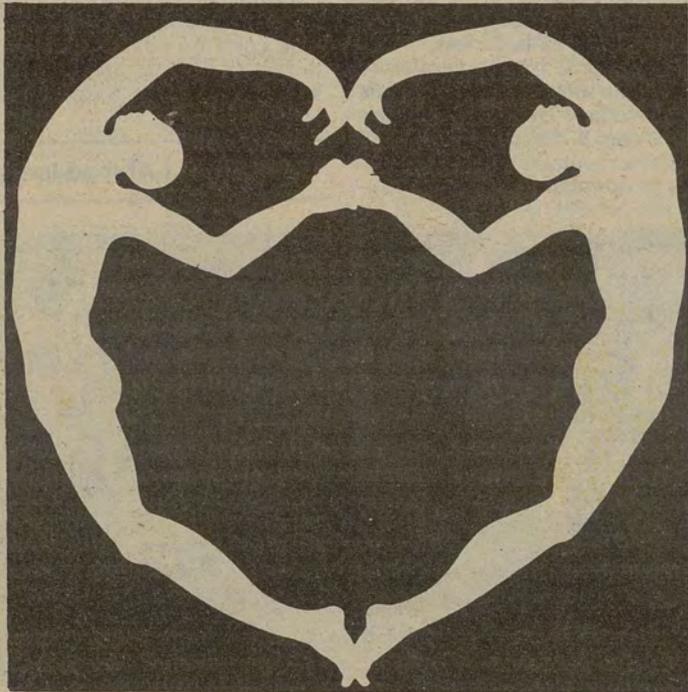
TESTE NÃO É DEFINITIVO
É necessário que todos saibam que o fato do primeiro teste ter dado positivo não significa que a pessoa esteja doente. Para detectar o vírus são necessários três testes, o primeiro é o citado anteriormente, após tem o de imunoflorescência e por último o teste comprobatório, que é o wester plood.

O Dr. Rui ressalta ainda que a AIDS já é considerada uma

pandemia (uma doença que atinge todo o globo terrestre). E declara: "Não há país que possa dizer que não tem AIDS." Quanto à questão do beijo o médico diz que: "Para que a doença seja transmitida é necessário que o vírus caia direto na corrente sanguínea, o que não é permitido pelas mucosas do corpo humano, inclusive a bucal."

Para aliviar as críticas à imprensa o Dr. Rui afirma que a mesma tem ajudado e muito na divulgação dos trabalhos preventivos. E os cita que são: "os que incluem as ações individuais como o uso da camisinha; a ação dos grupos, com filmes e palestras e o geral, como a boa saúde da população."

Denyris Rodrigues



Demônios que viram anjos

Os espelhos deformados da vida, em Genet, Fassbinder e Pasolini

Um fabricante de chocolate planeja matar sua sócia para fugir com o dinheiro do seguro e sua mulher gorda. Um industrial grita desesperado no deserto depois de doar sua fábrica aos operários. As duas da madrugada, em um bar do subúrbio, uma bicha toma calmamente um chá. É a mesma atmosfera decadente, o mesmo amor à vulgaridade, rondando a obra de três criadores: Rainer Werner Fassbinder, Pier Paolo Pasolini e Jean Genet. Dois cineastas e um escritor, três homossexuais, o mesmo mundo mórbido e decadente.

"Cheira a intestinos e esperma e leite", era o que o amigo Sartre achava da obra de Genet. Preso diversas vezes, em uma delas perguntou se seus livros não seriam sempre um pretexto para mostrar um soldado de azul, um anjo e um negro jogando dados em uma prisão. Acabou mostrando muito mais. Acabou questionando, com seu mundo de prostitutas, cafetões e homossexuais, as contradições e aberrações do pensamento moderno.

Em todos os três, a paixão e a

violência, o amor e a morte. Anjos que viram demônios e demônios que viram anjos. "E essa palavra me inquieta, me seduz e me repugna. Se eles têm asas, também têm dentes?" Pergunta Genet. "Querelle" é sua única obra levada às telas, pelo também maldito Fassbinder, que carrega de amargura e ironia os discursos do escritor francês sobre o comportamento social.

É a mesma paixão dominada por obsessões. A decadência como um triunfo sobre a sociedade que enterra, nos subúrbios, seus verdadeiros desejos. São os mesmos marginais machos, violentos e doces, beatificados em segredos no útero da mãe. "Sou um escandaloso na medida em que estendo um cordão umbilical entre o sagrado e o profano". Em "Teorema", talvez o mais polêmico de seus filmes, Pasolini fala de uma nova civilização que se vai erguer do deserto, de um homem quase deus, que surge depois do aparecimento de um anjo que transa com seus filhos, sua mulher e sua empregada. Italiano, processado várias vezes por baixa moral, Pasolini morreu em circunstâncias estranhas em 75. Da crítica mais feroz a estes três malditos, a de que mostram a realidade através de seus espelhos deformados. Será?

Monique Vandresen



Diário falou bem...

O número especial do Zero, o Documento, editado em dezembro de 87, ganhou críticas severas de um colaborador do jornal O Estado. Mas houve jornalistas que concluíram pelo contrário. Como demonstra o texto publicado dia 13 de janeiro no caderno Variedade, do Diário Catarinense, (cujo texto reproduzimos) abaixo do título, "Os meninos prometem...": "Uma ótima safra de novos jornalistas está a caminho, a julgar pela última edição do jornal laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina, o Zero. Toda dedicada a realizar "um mergulho no passado, na gente, costumes e lugares de Florianópolis", o Zero-Documento está simplesmente o máximo, passando em revista todos os lugares e aspectos que já entraram para o folclore da cidade. Um trabalho de pesquisa digno do Globo Repórter. O jornal é elaborado pelos próprios alunos, com edição, coordenação e supervisão dos professores Henrique Finco e Ricardo Barreto, e distribuído gratuitamente na Universidade". Além da redação do caderno, o colunista Cacau Menezes também elogiou esta edição e a anterior. A equipe do Zero agradece.



Os meninos prometem...

Uma ótima safra de novos jornalistas está a caminho, a julgar pela última edição do jornal laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina, o Zero. Toda dedicada a realizar "um mergulho no passado, na gente, costumes e lugares de Florianópolis", o Zero-Documento está simplesmente o máximo, passando em revista todos os lugares e aspectos que já entraram para o folclore da cidade. Um trabalho de pesquisa digno do Globo Repórter. O jornal é elaborado pelos próprios alunos, com edição, coordenação e supervisão dos professores Henrique Finco e Ricardo Barreto, e distribuído gratuitamente na Universidade.



Arquivo FSP

Brigitte Bardot: costume não é de "país civilizado"

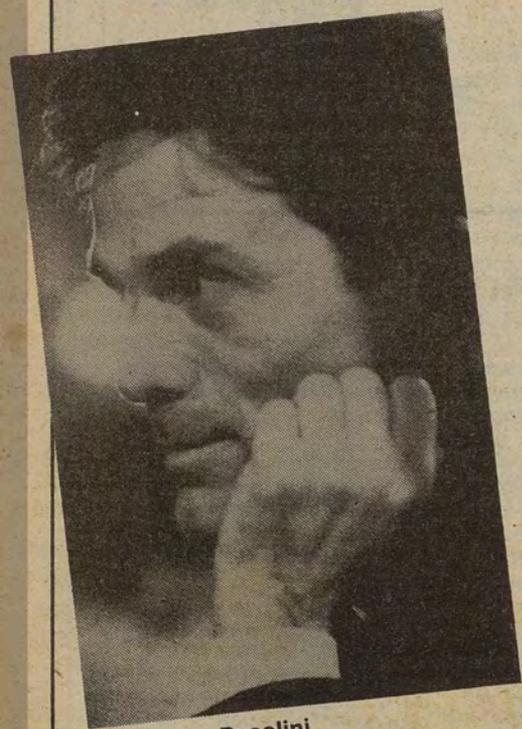
A Farrã do Boi incomoda até Brigitte Bardot

A Farrã do Boi cruzou fronteiras e chegou aos ouvidos de uma das maiores defensoras da preservação da vida animal, a atriz francesa Brigitte Bardot. Segundo a France Press, a atriz enviou uma carta ao ministro Paulo Brossard, em abril do ano passado, protestando contra a tradicional festa que acontece todos os anos em grande parte do litoral de Santa Catarina.

Brigitte Bardot criticou a festa dizendo que "isso não é digno de um país que se diz civilizado". Mesmo generalizando, suas declarações surtiram efeitos e desde o ano passado o governo proibiu a realização da farrã, embora os moradores do litoral continuem a sacrificar o boi, desrespeitando a medida.

A Farrã do Boi é realizada todos os anos entre o Carnaval e a Semana Santa. Originalmente era feita com bodes, herança de um costume judeu que os espanhóis trouxeram para o Brasil — daí a expressão "Bode expiatório" — hoje, com a substituição do animal, a festa se desenrola num ritual bastante sádico que termina depois da tortura do boi, com um grande churrasco.

Ewaldo W. Neto



Pier Paolo Pasolini

Heavy radical ganha força em Florianópolis

Há algo diferente no ar... À medida que nos aproximamos de uma pacata rua no Estreito, sentimos o som aumentando vindo de uma garagem. Lá, a temperatura já passa dos limites do inferno, e cinco gladiadores estão num regozijo metálico.

Estamos falando do Scaffolddeath, banda heavy metal formada em janeiro deste ano, que conta em suas fileiras com Sandro (vocaís), Richard (baixo), Alexandre e Miguel (guitarras) e um baterista anônimo. A banda faz um som poderoso, com visíveis influências de grupos como o Metallica, Iron Maiden e Helloween, e até um pouco de música clássica, o que torna o Scaffolddeath diferente de tudo o que se fez até agora em matéria de som pesado em Florianópolis.

No começo, tudo foi difícil. O grupo precisou tocar música "pop" em bares da cidade, para arrecadar algum dinheiro. Hoje isso faz parte do passado e a banda está em plena ascensão, mostrando muita garra e sintonia por parte de seus integrantes. A proposta do Scaffolddeath se expressa muito bem nessa declaração do guitarrista Miguel: "Nossa banda e nossa música nunca vão se prostituir a ponto de executar temas fáceis e descartáveis, apenas para agradar maioria leiga no que se refere ao conhecimento musical. Pretendemos agradar ao público com a nossa competência instrumental e com a fé no heavy metal, que é o estilo de rock que contém os mais talentosos e conscientes músicos".

Ozias Tormentor



Soneto do calouro

Queres ser jornalista político de primeira?
 Autor brasileiro do novo Watergate,
 derrubando ministros por simples deleite?
 Pois não passarás de Moacir Pereira!
 Ou, Cebolinha, é espolte o que plefeles?
 Ser mistula de Sandlo Moleyla e João Saldanha,
 esclaver clônicas com elegância e manha?
 Pois simple selás um J. B. Telles!
 Então é na cultura que entornarás o caldo?
 Lido como Paulo Francis, dos livros dando o caldo?
 Pois teu futuro é ser Janer Cristaldo!
 Não?... apelas para a coluna social?
 Sonhas, tal qual Zózimo, dar a nota quente e atual?
 Pois morrerás igual Cacau!
 Olávio Bilaquio

Tumor Maligno perde guitarrista, mas vai à luta

Ano: 1986. Cenário: pátio do Instituto Estadual de Educação. Dois jovens, insatisfeitos com a monotonia reinante no meio musical ilhéu, resolvem criar uma banda punk.

Para fazer a sua primeira apresentação em público, aproveitaram-se do clima de eleições que havia se instalado no colégio, fazendo a cabeça do candidato oposicionista para deixá-los tocar. Neste dia, eles contavam apenas com os integrantes Marcelo Ricardo (guitarra) e Fernando Trevas (vocal), conhecidos respectivamente como Alemão Putrefação e Maligno (sendo este último, também, o nome da banda) e com o apoio de dois componentes do grupo Visceras — Andrei e Robson — que ao ver o número de conhecidos na platéia permitiram que o nervosismo falassem mais alto, deixando o então Maligno na mão. Na hora H eles tiveram que recorrer à "colaboração" de um baxista de formação heavy, Gean, e de Keka, que de bateria conhecia pouca coisa. Este fatídico e calamitoso show aconteceu no dia 27 de novembro de 1986.

Passado este episódio, a banda passou por um período de reformulação, abrangendo novas músicas e a inclusão de um baterista, Gordinho. Até que no dia 16 de junho de 1987 o grupo participou de Juni Rock Festival, apresentando duas músicas de Alemão: "Vamo Fumá Barulho" e "total Destruição". Após

esta apresentação, o nome da banda mudou para Tumor Maligno e o seu guitarrista transferiu-se para o conjunto gaúcho Asgardh.

No dia 13 de novembro, coincidentemente uma sexta-feira, o Tumor Maligno cometeu mais um show, novamente no Instituto Estadual de Educação, mais uma vez com a sua formação alterada: Dani (baixo), Trevas (guitarra e vocal) e Biano Kill Masturb (bateria). O resultado foi uma debandada de aproximadamente 80% dos ouvintes, na sua maioria boyzinhos e new wavers.

As letras da banda abordaram os mais diversos temas sociais. Uma das que mais ilustram este exemplo é "A Culpa é do Sarney": "Essa inflação/Eu não sei/O salário mínimo/Eu não sei/De quem é a culpa?/A culpa é do Sarney". Outra tendência das suas letras é ridicularizar a atual sociedade, como em "Surfista de Floripa/Você é um... artista".

O Tumor Maligno está consciente da situação punk no Brasil, sua não aceitação e pouca divulgação, mas espera vencer as dificuldades e partir para uma excursão em julho, pelas cidades de Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro e São Paulo, finalizando em Porto Alegre, onde têm esperanças de encontrar e recuperar o seu guitarrista dissidente.

Emerson Gasperin



Seção Cardiológica

Querida Madame Calandra, Sou solteira, 37 anos, filiada ao PFL e estou atravessando uma terrível crise: me apaixonei por um membro do MR-8. O que faço para atingir uma feliz coligação carnal com meu novo amor? Conto com seu lobby.

Ass.: Alzirinha Hermes da Fonseca Peixoto

R.: Querida Alzirinha, Sua carta carece de informações mais concretas para que eu possa dar um conselho baseado,

fininho e fundamentado. Me diga, fofa: o membro já se embrenhou em florestas úmidas? Ele é rígido ou flácido quanto aos conceitos políticos? Como ele reage diante de uma Frente Liberal desinibida? Não se desespere, querida, a glasnost veio para ficar. Pra você eu receito uma solução infalível que aprendi durante a Constituinte de 46 e que continua válida até hoje: minha filha, o negócio é manipular. Vá com jeito, use o talento da direita e boa sorte.



Nino Noya

O chiquérrimo casal Sampaio foi visto nesta semana frequentando os salões do Castelar Hotel. Acompanhado de um grupo de amigos bissexuais, eles embriagavam-se com uma classe fora do comum Na pauta das conversas, Sérgio e Mara Sampaio combinavam as melhores posições do Kamasutra, com o intuito de alcançar a performance ideal na suruba daquela noite. Foi um luxo. Podre de chique.

Irradiando alegria depois de voltar de sua viagem ao Afeganistão, o socialite Marinho Veiga trouxe consigo uma perna de um oficial soviético que havia caído de um helicóptero americano. Marinho pretende usá-la

como destaque de sua exposição, que conta ainda com outras tenebrosas surpresas. Quem viver verá.

Maravilhosamente vestida por Fabinho, que entendidos qualificam como a reencarnação do nosso querido ex-aidético Markito, Gan Gan Vidal, desfilava na Vidal com seu boy australiano que ela conseguiu raptar do último Hang Loose. O moço, devidamente algemado por Gan Gan, ainda tinha forças para falar de sua especialidade — o "cut-back" cavadão. I am the best.

Ulysses Ribamar

Fernanda arrebatada outra vez

“Um trem de ferro é uma coisa mecânica, mas atravessa a noite, a madrugada, o dia. Atravessou minha vida. Virei só sentimento”. Com estas palavras, Fernanda Montenegro entrou no palco do Teatro Alvaro de Carvalho, dias 21 e 22 de março, para apresentar *Dona Doida* — Um interlúdio. O monólogo baseia-se em poemas e poesias de Adélia Prado e tem direção de Naum Alves de Souza.

Considerada a grande dama do teatro brasileiro, Fernanda encheu o palco com sua graça e tranqüilidade. Toda vestida de azul e com a voz um pouco rouca, ela interpreta uma Dona Doida que dilacera seu corpo e deixa nú seus sentimentos. Fernanda veio para Florianópolis em homenagem ao tombamento do Teatro Alvaro de Carvalho. Para isso teve que alterar o calendário de suas viagens com *Dona Doida*, que só estavam programadas para agosto. O interessante é que Fernanda também participou da reinauguração do TAC em 1955, após o teatro ter sofrido uma grande reforma. Ela integrava o grupo Teatro Popular de Arte que interpretou a peça *L'Alouette* (O Canto da Cotovia). A estrela era

“No palco não tem sexo, tem talento”

Maria Della Costa e Fernanda tinha o terceiro ou quarto papel. “Nesta época eu não imaginava o quanto avançaria em minha carreira”, diz a atriz.

Dona Doida lotou o TAC nas três apresentações. Foram colocadas cadeiras extras por todo teatro e ainda houve os que sentaram no chão e os que ficaram de fora por falta de ingresso. O público de Florianópolis, que não é freqüentador assíduo de teatro e que pagou 600 cruzados pela entrada, estava bastante eufórico e ansioso na fila de espera. Dentro do teatro o calor era intenso e a maioria dos folhetos distribuídos na entrada transformaram-se em leques improvisados.

Fernanda considera a profissão de atriz “maldita e mágica”. Para ela “o teatro é o umbigo da cidade, onde as coisas germinam, e é um lugar tão sagrado quanto à igreja”. Ela também acredita que “no palco não tem homem nem mulher, tem talento”.

Em seu primeiro monólogo, com o cenário improvisado mas semelhante ao do Rio de Janeiro, Fernanda enaltece *Dona Doida*



No reencontro com o TAC, só sentimento

com uma interpretação singular.

A atriz não acredita que faltam bons autores de teatro atualmente, “exceto se só pensarmos em teatro padronizado, sempre com dois ou três atos”. Fernanda já interpretou peças de grandes autores como Bernard Shaw (*A profissão da Sra. Warren*), Rainer Werner Fassbinder (*As lágrimas amargas de Petra Von Kant*), Racine (*Fedra*) e Millôr Fernandes (*É... e O Homem do Princípio ao Fim*). Para Fernanda “nada é fácil em teatro”. “No teatro não se pode contar só com a expressão facial, você tem que representar com as costas também”.

Em *Dona Doida*, Fernanda é Adélia. Seus olhos se enchem de lágrimas e brilham como os astros que tiritam, azuis, em nossa madrugada, Adélia fala: “Deus não me fez até a cintura para o diabo fazer o resto...” Ela quer um jeito novo de viver: “Comer e não fazer jejum. Amar e não fazer jejum. Amar sem jejum de sentimento”. Adélia é sensível: “A poesia é triste. O que é bonito

“Quero amar sem jejum de sentimento”

enche os olhos de lágrimas”. Ela não concorda que a coisa mais fina do mundo é ir à escola: “A coisa mais fina do mundo é o sentimento”. Reclama: “Não quero ser emancipada. Quero ser amada”, o que foi uma afronta às feministas. Adélia fala do amor de menina: “Eu amava o amor e esperava-o sob árvores, virgem entre lírios”. Exalta seu amor por Antônio Castro Alves. Adélia gosta da humanidade, “em particular da porção masculina da humanidade”.

Dona Doida é um espetáculo literário, muito profundo e que requer o máximo de atenção. A excelente iluminação conquistou o prêmio Molière. As músicas de Liza, Jessy Norman, Pacco de Lucia e Chico Mário e a atuação de Fernanda, não permitem que a peça, geralmente melancólica, se torne monótona. Com excelente utilização do espaço cênico e domínio total da entonação de voz, ela interpreta uma Adélia que arrebatada suas lembranças e se perde em devaneios.

Adélia quer entender o mundo: “É difícil entender as coisas. Um dia fiquei observando um abacaxi por muito tempo e cheguei à conclusão de que entendia mais Deus do que aquela coisa cascuda”. Adélia tem desejos: “Quero comer o mundo e ficar grávida, ficar gigante”. Ela ama a vida: “A vida é de ferro e não se acaba nunca”. “O mar é imenso. Meu amor é maior... A vida é tão bonita, basta um beijo e a delicada engrenagem movimentada”.

A peça *Dona Doida* — Um interlúdio, está em cartaz no Rio de Janeiro sob a direção de Naum Alves de Souza, um artista que iniciou suas atividades em 1972 e já trabalhou como figurinista, cenógrafo, em artes plásticas e com seus próprios textos. A expectativa com a peça era boa, mas segundo Fernanda, eles não esperavam tanto sucesso. Por sua atuação em *Dona Doida*, Fernanda recebeu mais um Molière. Para ela a importância de um prêmio está no afeto e incentivo que ele exprime. “Minha vida não está melhor nem pior por eu ter recebido este prêmio”. Fernanda considera o palco um lugar libertador: “Assim que a mulher pisa nele,

“O palco é um lugar libertador”

ela tem todo um espaço para si”, diz ela.

Na peça, Adélia comenta o machismo: “A vida é servidão. Descubro isso olhando meus sapatos”. Adélia reclama da idade: “Juventude de espírito eu não quero... Acho muito ridículo a alma fazendo trejeitos”. “Hoje enchi os olhos de lágrimas. Não sou mais jovem”. Relembra o filho que saiu de casa para estudar e escreveu para ela: “Mãe, estou desesperado”. Recorda as noites que passou com o marido limpando os peixes que ele pescou. Adélia ama o marido e fala: “Te amo, homem”, e chora. Recorda sua mãe com nostalgia. Pensa no futuro: “Não acredito que a humanidade se salvará por uma de suas classes... Quero que me governe um homem bom, justo. Quero que chegue a noite e todo mundo vá dormir cansado por tanto trabalho que tinha para fazer e que foi feito”. Adélia sonha: “O sonho encheu a noite... Extravasei minha vida e é dele que eu vou viver, porque sonho não morre”.

Entrevista a Ana Lavratti

Sandinismo contado pelos sandinistas

Na guerra de contra-informação montada pelas agências norte-americanas, a Nicarágua rompe o bloqueio e chega às bancas com o órgão oficial da Revolução

Há quase dez anos a Nicarágua está em guerra. Primeiro foi Somoza, nas ruas e nos campos. Depois vieram os contras nas montanhas de Jinotega e, por último, a guerra da informação, um inimigo que o fuzil guerrilheiro não conseguiu enfrentar. Mas o Sandinismo contra-atacou, o jornal "Barricada Internacional" mostra a face desconhecida da nova Nicarágua.

"Barricada Internacional chegou ao Brasil para furar o bloqueio internacional das notícias nicaragüenses", comentou Leopoldo Saraiva, editor da versão em português, durante uma entrevista concedida no Curso de Comunicação Social da UFSC, no último dia 23. Em 24 páginas mensais, os brasileiros terão a oportunidade de receber informações que não passaram na triagem das grandes agências de notícias. "Barricada", que significa trincheira, apresenta reportagens sobre o povo, a economia e a guerra. Enfim, a versão sandinista da história ou seja, o outro lado da guerra.

Até hoje o leitor ficou somente com a versão apresentada na grande imprensa. Em junho de 79, quando Somoza estava de joelhos e os guerrilheiros sandinistas corriam pelas ruas de Manágua, os jornalistas de aluguel reconheceram que havia uma revolta popular e o brasileiro ficou sabendo que a Nicarágua existia. "Veja" n.º 563, dias após a revolução, estava mais preocupada com o rumo ideológico do Sandinismo do que a realidade nicaragüense. Da mesma forma, "Isto É" de 04.07.79 questionava: "... o que ocorrerá após uma vitória sandinista? Uma ditadura de proletariado? Um regime tipo chinês? Um socialismo terceiro-mundista à argelina?... Quem vai afinal suceder Somoza, se se confirmar sua derrota?... A linha de frente do jornalismo brasileiro dormia, novamente, em berço esplêndido.

Somente alguns jornais alternativos falaram a verdade. "Movimento" foi um deles. Em plena ditadura brasileira, o melhor alternativo abriu a boca denunciando a Guarda Nacional de Somoza como responsável por "um dos mais bárbaros massacres cometidos contra a população civil em toda a história da América". E foi mais longe, ao afir-

mar que o Brasil estaria fornecendo armas para o regime do ditador.

Respondendo às antigas indagações da imprensa brasileira, Leopoldo Saraiva é categórico: "A revolução não é baseada em modelos restritos, dogmáticos. O modelo sandinista é sandinista. Não se pode falar em sandinismo como produto acabado, porque ainda o estamos construindo". E construir é a palavra de ordem na Nicarágua. A capital, Manágua, totalmente destruída por um terremoto em 72, com um saldo de 18 mil mortos, nunca mais se ergueu. A Guarda Nacional vendeu produtos que chegavam do exterior, enquanto Somoza embolsava os 250 milhões de dólares da reconstrução. Nessa época, 46% das crianças morriam antes dos quatro anos e 60% das mortes ocorriam sem qualquer assistência médica. Saúde e educa-

"Nossas idéias é que representam perigo para os americanos"

ção são agora prioridades, juntamente com a guerra.

A Nicarágua investe hoje 50% do seu orçamento na defesa. Este volume de recursos, se canalizados para outras áreas possibilitaria ao país uma rápida reconstrução. "Temos que desviar metade de nossa mão-de-obra para a guerra e estamos pagando um preço muito alto em vidas humanas. Mas agüentaremos as pressões até o fim. Nosso povo tem dignidade, tradição de luta, e comerá a metade do que precisar para vencer", explica Saraiva.

Nessa resistência, a imprensa nicaragüense é um fator vital. Durante a guerrilha, a "Rádio Sandino" era a voz oficial dos revolucionários. Além dela, dezenas de jornais e panfletos clandestinos orientavam a população. Saraiva relata outra forma de comunicação muito peculiar da época: o "boca-a-boca", passado das frentes de combate até os pontos mais distantes do país. E foi dos jornais clandestinos que surgiu o mais importante veículo do sandinismo: o Barricada, órgão oficial da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Além dele, estava na rua o "La

Prensa" — jornal fundado por Pedro Joaquim Chamorro, jornalista assassinado por Somoza — e que se transformou num símbolo nacional.

Em setembro de 87, após 15 meses de censura, "La Prensa" voltou. O governo sandinista, cumprindo um acordo de paz, estabeleceu liberdade de imprensa e permitiu que seu maior adversário interno retornasse. "La Prensa" foi fechado num dos momentos mais críticos da revolução. Ele apoiava abertamente a ajuda de 100 bilhões de dólares que os EUA estavam votando para ajudar os contras. O governo sandinista estava em guerra, precisava defender-se de seus inimigos", disse Saraiva



justificando o fechamento do jornal. Ele exemplifica ainda que hoje há uma guerra de palavras entre o "La Prensa" e o "Barricada". Os jornais são baratos e os leitores assistem a várias versões sobre o fato.

No Brasil, onde os jornais são caros e nem existem opções, a notícia é manipulada para que o leitor assimile somente uma versão da realidade. Dentre os grandes, "O Estado de São Paulo" foi o que mais se empenhou na contra-informação da situação nicaragüense. Manchetes como "Sandinistas declaram guerra contra a Igreja" ou "Nicarágua gasta 30 milhões de dólares em obra faraônica" estavam freqüentemente em



A arma na guerra da informação

suas páginas. A prova concreta da associação do "Estadão" com os contras é o jornal "Nicarágua Hoy", encartado como "informe publicitário", com tiragem de 250 mil exemplares. "Eles (os contras) têm dinheiro da CIA para gastar dessa forma", revela Saraiva.

Sem dinheiro, com dedicação e

"A revolução não é baseada em modelos restritos, dogmáticos"

criatividade. E assim que, desde a clandestinidade, os jornais nicaragüenses sobrevivem. "Trabalhamos em qualquer condição. Filmes fotográficos são escassos, há pouco papel e o parque gráfico é obsoleto", conta Saraiva. Mesmo nestas condições, "Barricada" circula com 80 mil exemplares diários em todo país.

Como acontece a manipulação da informação? Para Saraiva ocorre de diversas formas. Se, por exemplo, um jornal americano publica que os sandinistas montaram uma base militar na fronteira com Honduras, o leitor associa essa base ao modelo americano, com centenas de soldados bem armados, tanques e mísseis. Na verdade essas bases são apenas algumas barracas com poucos soldados. Diante desses fatos, a pergunta se torna inevitável: Por que a maior potência do planeta teme um país com apenas 130 mil quilômetros quadrados e três milhões de habitantes?

"Nossas idéias são as que representam perigo para eles", afirma Saraiva. As idéias sandinistas, segundo

os americanos, podem gerar o chamado "efeito dominó", no qual os pequenos países da América Central seguiriam os mesmos passos da Nicarágua. Mas o editor de "Barricada Internacional" não concorda com essa tese, comentando que cada país deve achar seu modo particular, e unicamente seu, de combater o imperialismo. Sobre o futuro da Nicarágua após a guerra, Leopoldo Saraiva prefere não comentar. Responde, ansioso, que quer apenas o fim da guerra.

Enquanto ela não acaba, o trabalho desse jornalista de 46 anos, que deixou a Argentina natal há nove e se engajou na revolução, vai continuar. "Barricada Internacional" em português já possui o apoio de diversos setores no Brasil, principalmente nas universidades, sindicatos, partidos políticos e da Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 84, o Rio e Manágua foram declaradas cidades-irmãs. Agora, a Prefeitura auxilia "Barricada" na divulgação e distribuição dos exemplares.

Com isso, Leopoldo Saraiva espera cumprir sua missão, que é tão ou mais importante que a dos guerrilheiros que combatem os contras na fronteira de Honduras. "Barricada Internacional" espera solidariedade para os problemas nicaragüenses. É um grande passo nesta guerra de leituras. A Nicarágua ainda é um país no zero, onde a única coisa que está em todos os lugares é o entusiasmo popular.

Carlos A. Locatelli

O MARXISMO PERDE UM REVOLUCIONÁRIO

UM CANDIDATO CONTRA O REGIME MILITAR



Campanha eleitoral (85)

Nos últimos cinco anos, o companheiro Adelmo Genro Filho dedicou quatro aos Cursos de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Há um ano licenciado sem remuneração, entendia que neste período poderia dedicar-se com mais determinação a investigar e buscar, através de uma disciplina rigorosa consigo mesmo, a renovação do marxismo que o mantivesse dialético e revolucionário.

Adelmo teria ainda mais um ano de licença, mas sua morte, aos 36 anos, no Hospital Universitário de Florianópolis, às sete da manhã do dia 11 de fevereiro de 1988, uma ensolarada quinta-feira, pôe em nossos ombros um duplo peso difícil de suportar: o do teórico e militante, que am-

parado numa sólida formação, apontava novos caminhos possíveis de percorrer no interior do marxismo e do colega e amigo que, navegando entre uma postura generosa e cordial, conseguia socorrer as pessoas em seus mais duros momentos existenciais e, ao mesmo tempo enfrentar os adversários políticos com uma exemplar conduta ética e política.

A morte de Adelmo deixa um vazio difícil de preencher no curso de jornalismo, nos debates, palestras e aulas em que sempre brilhavam sua lucidez teórica, clareza didática e coragem política, sem jamais abrir mão de uma sincera humildade para tratar dos temas mais sim-

ples aos mais complexos.

A lembrança de sua presença amiga e sábia continuará povoando nossos dias, assim como a sempre bela imagem de seu coleguismo, combatividade e intervenções públicas.

Adelmo morreu no Hospital Universitário, três dias após sua internação de uma maneira, até este momento, inexplicável. A causa mortis ainda não foi esclarecida pelo H. U.

Neste número de ZERO nossa homenagem ao professor, colega e amigo Adelmo Genro Filho, à sua vida e obra e a comvente despedida de seu irmão, Tarso Fernando Genro, publicada dia 22 de fevereiro no *Jornal Diário do Sul*, Porto Alegre.

Seu trabalho: de Hegel à LSN

Adelmo Genro Filho nasceu em São Borja, em 1951. Professor e jornalista, formado em 1975 pela Universidade Federal de Santa Maria, trabalhou desde estudante no jornal *A Razão*, de onde o Exército pediu sua demissão por denunciar a carne podre servida no Restaurante Universitário.

Eleito vereador pelo ex-MDB (atual PMDB), em 1976, dele foi se afastando progressivamente até ingressar no Partido dos Trabalhadores em 1985. Entendia que, já àquela altura, o PMDB percorria um caminho sem volta rumo à conciliação nacional.

Em 1979, Adelmo foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional (LSN), por dizer na Tribuna da Câmara que o ex-presidente João Figueiredo não tinha condições mentais de dirigir a nação. Ele se referia ao incidente de Florianópolis, a novembro, quando o ex-presidente respondeu com ofensas à população que o via no centro da cidade. Na ocasião, sete estudantes catarinenses foram tam-

bém enquadrados na LSN e Adelmo os defendeu da Tribuna.

Mas Adelmo não foi um jornalista preocupado somente com a especificidade técnica do jornalismo, a elaboração rotineira de matérias e a modernização tecnológica do setor. Também preocupava-se com a importância e o papel do jornalismo na investigação da realidade e em sua transformação. Daí, resultou o trabalho de tese de mestrado em Sociologia na UFSC, que originou o livro "O Segredo da Pirâmide, para uma teoria marxista do Jornalismo" (Porto Alegre, Tchê!, 1987). Na abordagem, sustenta que o Jornalismo pode ser vislumbrado como uma nova forma de conhecimento que se cristaliza no singular.

Preocupado com a totalidade do Homem na História, expôs suas concepções em vários outros livros, como "Hora do Povo, uma vertente para o fascismo", juntamente com Marcos Rolim e Sérgio Weigert (São

Paulo, Brasil Debates, 1981); "Lênin, coração e mente", com Tarso Genro (Porto Alegre, Tchê!, 1985); "Marxismo, filosofia profana" (Porto Alegre, Tchê!, 1986) e "Contra o Socialismo Legalista" (Porto Alegre, Tchê!, 1987). Foi um dos fundadores do *Jornal Informação*, de Porto Alegre, e fundador e membro do conselho editorial do jornal *Fazendo o Amanhã*, de São Paulo. Escreveu outras tantas séries de artigos e ensaios para diversas publicações do país, como as revistas *Teoria e Política* e *Civilização Brasileira*.

Ultimamente, Adelmo estava empenhado em estudar Hegel e aprofundar, sistematicamente, o estudo e a renovação do Marxismo revolucionário. Esta preocupação faz parte de seu último trabalho publicado, "A filosofia marxista e o legado dos hereges", uma extensa introdução ao livro "Filosofia e praxis revolucionária" (São Paulo, Brasil Debates, 1988).

Francisco J. Karam
Professor e jornalista



“Não há nada mais ousado no universo do que o homem”

Adelmo Genro Filho

A despedida do
irmão, publicada no
Diário do Sul



No curso, com os colegas



A vida retomará seu ciclo

A morte de Adelmo Genro Filho, no amanhecer do dia 11 de fevereiro, aos 36 anos, transtornou a todos os que privavam do seu convívio, seja no âmbito de sua família, seja no seu vasto círculo de relações políticas e intelectuais.

Não reivindico dor maior do que a de qualquer amigo ou familiar, mas como relacionava-me com o Adelmo — e de forma intensa — em ambas as esferas, tenho clara a dimensão brutal da sua ausência prematura, para os que tinham qualquer tipo de proximidade com ele. Com este pequeno texto quero resgatar, para os que o admiravam, aquela parte dos seus últimos momentos entre nós, que me envolveram diretamente.

Sem dúvida Adelmo Genro Filho foi uma pessoa muito especial. Todas as pessoas que tiveram algum grau de relacionamento com ele sabem disso. Sua paixão pela filosofia e pela política operária, comandaram a sua vida desde os dezesseis anos. Esta paixão ele levou até as suas últimas consequências, já que vinha estudando e escrevendo, ultimamente em tempo integral, sobre os problemas cruciais que — na sua opinião — o marxismo deveria enfrentar, para retomar a sua postura originária de filosofia herdeira das principais conquistas teóricas da humanidade e rejeitar a condição burocrática de "receita", apta para responder a todas as indagações sobre o destino do homem.

Como intelectual foi o avesso do academicismo. As glórias do ascenso universitário não lhe seduziam e tanto isso é verdadeiro que interrompera a sua atividade de professor na UFSC, para poder dedicar-se plenamente a pesquisar e escrever sobre temas filosóficos que, pela sua incidência na "praxis", seriam capazes de constroer o movimento da história num sentido escolhido pelo sujeito político moderno — a classe operária.

A última conversa que tivemos, poucos dias antes da sua morte, versou sobre o livro de Serge, "Memórias de um revolucionário", que eu lhe recomendaria um mês antes. Falamos também sobre seu último e ousado

trabalho teórico que recentemente terminara, "A Filosofia Marxista e o Legado dos Hereges", que brevemente será publicado pela Editora Brasil Debates de São Paulo. Trata-se de um longo ensaio onde ele discute, entre outras, as contribuições de Korsch e Bloch ao marxismo, de um ponto de vista independente da tradição "clássica".

Adelmo ficara tão impressionado como eu sobre o livro de Victor Serge e achava que o autor dera o testemunho histórico daquilo que ele vinha tentando formular na filosofia, a saber, que a paralisia teórica e a fossilização dogmática pode ser o suporte da tragédia política, dos limites e das deformações do primeiro ciclo das revoluções socialistas, que, no caso específico da Revolução Russa, estavam sintetizados na chacina de toda a velha guarda bolchevique.

Convinhamos que, se tínhamos — ainda — algum resquício de romantismo sobre o que é, de fato, uma revolução, o livro de Serge, soterrara-o definitivamente. De outra parte, nos animava ver Serge, alguém que, mesmo tendo vivido aquele período de irracionalismo, compreendia a grande possibilidade que a Revolução de Outubro abria para a humanidade, numa expectativa superior à própria Revolução Francesa, no século XIX.

A parte da conversa que girou em torno do seu ensaio "A Filosofia Marxista e o Legado dos Hereges" foi apenas uma preliminar daquilo que combinamos seria, mais tarde, uma conversa "sem teto", já que eu tinha feito apenas uma leitura rápida do texto, incompatível para responder às necessidades de um debate filosófico que considerávamos de muita seriedade.

Minha posição em relação aos seus textos sempre foi "defensivista", já que, pelos meus compromissos cotidianos não tinha condições de acompanhar a sua evolução e mesmo a totalidade das fontes dos seus estudos.

Não tenho dúvidas que ele estava a muitos quilômetros de distância e que a minha posição, mais chegada ao marxismo clássico, "via Lukács", compunha um contraponto que ele checava per-

manentemente, como exercício reflexivo que lhe era útil. Às vezes, nossa conversa tornava-se difícil e árdua. Era quando a política só poderia expressar-se como filosofia e eu não conseguia lidar com o seu sistema categorial. Neste ponto não eram raros os "acordos", no sentido de que eu pelo menos declarasse "insuficiente" meu "marxismo-lukacsiano" para desafiar os problemas que ele revolvia.

Creio que poucas vezes divergimos em problemas políticos de fundo, embora não raro, na discussão de posições prévias a uma postura mais consistente sobre um assunto importante, trocássemos um diálogo agudo e sem nenhuma concessão, inclusive em relação à quantidade de decibéis usados no confronto.

Estivemos juntos em momentos importantes das nossas vidas. Creio, até, que nos mais importantes. Jamais pairou entre nós qualquer sombra de desconfiança que tivesse a capacidade de abalar nossa amizade e o respeito mútuo que conseguimos dar solidez ao longo de nossa relação. Sei, que para ele, eu estava entre as pessoas especiais. Para mim, ele era mais que isso: era uma referência que estava muito mais adiante e que eu também, de alguma maneira, ajudaria a estimular.

É claro que a vida retomará o seu ciclo e que as árvores secas do inverno sucederão flores e frutos. Depois, as tardes quentes e os crepúsculos adornados de cores e de pássaros que se recolhem, continuarão a sua seqüência imemorial. A sabedoria do homem não permite que ele permaneça em crise porque a fatalidade da morte nos assedia sempre. É preciso superá-la. Mas cada dos que conheceram Adelmo terão sempre uma reserva de dor insuperável. Fina e pontuda como um punhal mouro, nesta jornada de lutas em que é preciso ousar sempre, atitude que Adelmo jamais se negou, pois, como ele mesmo escrevera certa vez, "não há nada mais ousado no universo do que o homem...".

Tarso Genro
Advogado e escritor